

«A sós»



A solidão material de lugar e tempo também é um elemento constituinte da oração teresiana, como o é, aliás, de toda a oração cristã: «Já sabeis que Sua Majestade nos ensina que seja a sós, e assim fazia Ele sempre que orava, não por necessidade, mas para nosso ensinamento» (CV 24,4). Jesus procurava os lugares solitários para orar ao Pai e nos ensinar a estar com Ele. A educação para a solidão torna-se, assim, num dos vectores principais do magistério teresiano da oração: «O que podemos fazer é procurar estar a sós – e praza a Deus que baste, como digo – para que entendamos com quem estamos e o que o Senhor responde às nossas petições» (CV 24,4). A intimidade de amor com Deus exige, pois, em razão da amizade, a solidão, o «a sós com» Deus. A «solidão» é o «espaço secreto» do «estar com» Deus, num frente a frente, num face a face, num coração a coração.

O encontro interpessoal com Deus dá-se, portanto, no «fundo da nossa alma», onde Deus mora como num castelo de diamante. Edith Stein dirá: «As moradas da vida interior... são os lugares onde as almas estão na presença de Deus em silêncio e solidão, para se converterem em amor vivificante no coração da Igreja» (E. Stein, *A oração da Igreja*, n.3).

Teresa, inclinada naturalmente para a soledade (Ct 70,2), «buscou cedo a solidão para rezar as suas orações». Logo no início da sua vida religiosa, orou na solidão, porque Deus fala no sossego do silêncio e ouve-se e aprende-se a sabedoria do seu amor no silêncio, comunica-se na solidão do santo recolhimento. Nesta solidão orante, supera-se o isolamento pela máxima companhia de Deus.